

ENSINO RELIGIOSO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: INTOLERÂNCIA CONTRA RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Francisca Roseane Franco Ribeiro de Sousa¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão a partir da relação entre a educação escolar e a intolerância em relação às religiões afro-brasileiras que apesar da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, percebemos ainda a grande falta de habilidade ou até mesmo de vontade em reconhecer e respeitar as diferenças religiosas do outro. Enquanto professora do Ensino Religioso procuro resgatar os nossos valores culturais partindo de um paradigma que busque fazer com que o aluno tenha pelo outro o respeito que ele deseja para si mesmo. Através do ensino da diversidade religiosa, temos a oportunidade de aprender mais sobre a religião do outro para assim conhecermos também com maior abrangência a nossa. Não podemos mais aceitar o preconceito e a intolerância que essas religiões sofrem. Temos o direito de ir e vir, o direito de expressão e, portanto é nosso dever como educador mostrar a importância dessas religiões para a cultura brasileira para que estas deixem de ser alvos de acusações infundadas, como as religiões que pregam o culto ao demônio e que muitas vezes seus seguidores são alvos de agressões como perseguições e violência física.

Palavra Chave: Intolerância religiosa; educação; afro-descendentes

Introdução

A temática é bastante pertinente para nós educadores que estamos em constante contato com os alunos de Ensino Religioso e que a temos como um espaço muito rico em sua diversidade de origens étnicas e culturais, que trata do lado humano resgatando valores que estão adormecidos na sociedade e também na família.

Fazemos parte de um país laico, que não deve ter, e não tem religião, mas que tem o dever de garantir a liberdade religiosa de cada ser. Conforme o artigo 5º, inciso VI, da Constituição: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantia, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

Ter liberdade religiosa é um direito humano. Somos uma nação resultante de várias raças, culturas, religiões que nos oportunizam a igualdade, cada um com suas diferenças, suas peculiaridades.

Como em nossas vidas enfrentamos grandes desafios, assumir a postura de professor educador de Ensino Religioso é desafiador e requer muita paciência, ética e discernimento para não cairmos numa metodologia desagregadora favorecendo determinada crença ou religião na sala de aula, quando temos que respeitar a liberdade religiosa dos alunos que sabemos é bastante diversificada.

A Lei 9.475/97 fortalece esse respeito através do Art. 33 que é bastante transparente quando afirma:

O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer forma de proselitismo.

¹ Pedagoga. Especialista, Professora de Ensino Religioso da Rede Municipal e Estadual de Ensino de João Pessoa-PB. E-mail: roseaneribeiro40@gmail.com

Somos educadores responsáveis por toda mediação do processo através do diálogo e articulação junto aos nossos alunos. A educação passa por mudanças bastante consideráveis e nesse contexto está inserido o Ensino Religioso que é de uma complexidade intensa no espaço escolar, pois, infelizmente ainda tem um grande número de profissionais que desconhecem, que desvalorizam, tratam com a falta de respeito ou até mesmo com amadorismo que se torna inconseqüente. Para isso precisamos do diálogo, pois convivemos com pessoas que não são ignorantes absolutas. Já dizia Freire que:

Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. (1987, p. 81)

Através do diálogo podemos rever nossas posições e chegarmos ao alcance dos nossos objetivos sem precisarmos usar da força para convivermos em harmonia.

Religiões Afro-Brasileiras: Intolerância e desrespeito

Mesmo com a Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências, percebemos que na prática nem todos tem o preparo para passar essa riqueza da influencia africana, do negro no Brasil que com sua bravura recriou e transformou o nosso país mas é tão sacrificado e bastante desvalorizado.

Em se tratando das religiões afro-brasileiras, especialmente o Candomblé e a Umbanda, ainda percebemos que os adeptos dessas religiões de matriz africana do segundo país em população negra no mundo sofrem com esse mal terrível na humanidade que é o preconceito, a intolerância e o desrespeito por parte de outros segmentos religiosos. Durkheim (1989, p.31) afirma que:

Não há, pois, no fundo religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas respondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana. Na verdade, não é impossível dispô-las segundo ordem hierárquica. Uma podem ser ditas superiores às outras, pelo fato de colocarem em jogo funções mentais mais elevadas; são mais ricas de idéias e sentimentos, integram mais conceitos, menos sensações e imagens, e sua sistematização é mais erudita.

Fico pensando como é doloroso que em pleno século XXI, o racismo e o preconceito étnico e cultural ainda nos permeiam tão fortemente, principalmente em relação a essas religiões que para muitos não é considerada como religião e sim como seita ou culto de minoria ainda não evoluída que sofrem ataques incabíveis como religiões demoníacas, relacionadas com o mal.

Assistimos os meios de comunicação veiculando programas e conteúdos em que a crença e a cultura espiritual de origem afro são alvo de acusações desumanas. São invasões, agressões físicas, destruição de templos, terreiros, símbolos religiosos. É uma falta de respeito para com o outro. São demonstrações que mostram que a intolerância religiosa provoca exatamente o contrário do que toda religião busca: a unidade. Para Dalai Lama “todas as religiões do mundo tem um objetivo semelhante, e por isso a

harmonia entre elas é tão necessária”. (Apud MOSES, 2009, p. 15). Se necessário a vida, porque tanta maldade em nome da religião?

Os ataques desrespeitosos e sem conhecimento das religiões afro-brasileiras são constantes deixando claro que não há respeito à liberdade de culto e expressão religiosa que se apresenta na Constituição.

Diante do exposto, percebe-se a fragmentação dessas religiões, pois muitos que as frequentam não assumem sua permanência na religião pelo preconceito e vergonha, por serem religiões que não apresentam o status para a sociedade, e são consideradas como religiões de negros, pobres, homossexuais, que nascem nas senzalas.

Como os jovens hoje que frequentam as escolas podem conhecer e respeitar as religiões afro-brasileiras ou ter um colega ao lado que frequenta a religião e que não são discriminados por seus colegas? Como formadores de opiniões, os professores passam a base para seus alunos, mas a educação e o respeito vêm de casa. E como telespectadores e muitas vezes autores do preconceito, nossos alunos são discriminados e discriminam ao outros. Segundo Durkheim(1989, p. 149)

Para que os atores de uma estrutura de papéis sociais conheçam seus papéis e tenham expectativas quanto à ação dos outros, para que compartilhem crenças e valores morais, se faz necessária a padronização desses valores e crenças.

E todos nós somos responsáveis para que essa padronização se realize entre as culturas religiosas gerando assim o respeito profundo nas relações humanas que precisam se perpetuar através de elos que os encaminhem para caminhos prósperos.

A visão de Mundo de (BOFF, 2006, p. 57) consiste em:

Considerar a pluralidade do pensamento religioso (não no sentido de religiões formais, de igrejas) como complementar, e não como excludente, na pretensão mais ou menos comum às religiões formais de serem verdadeiras.

E para serem verdadeiras as religiões precisam provocar mudanças no ser humano, afinal, temos escolhas e a melhor religião é aquela que nos faz feliz, mais profundo, belo e em constante relação com aquilo, em que acreditamos ou ainda em quem acreditamos.

O Professor de Ensino Religioso e a luta contra o preconceito e a intolerância religiosa

Na prática percebo como professora de Ensino religioso a dificuldade de se trabalhar as religiões afro-brasileiras. Temos como desafio conquistar nossos alunos. Somos parte integrante de um grupo que diariamente lida com a diversidade religiosa que cresce a cada dia. Percebo que desejamos que todos fossem iguais a nós quando na realidade somos únicos. Como professores temos na escola o espaço privilegiado para a harmonia destes conhecimentos étnicos e culturais onde a religião faz parte deste percurso, está relacionada a um povo e sua história. A escola é um espaço democrático ou deveria ser, deve ligar o mundo ao espaço que o cerca. As religiões afro-brasileiras devem estar presentes no contexto escolar e como educadora sinto-me desafiada, porém encorajada para trabalhar essa riqueza tão diversificada que é o mundo das religiões. Conforme estas considerações, Luckesi (1994, p.30-31) postula:

A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social.

Assim, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos.

Devemos levar em consideração que toda crença tem importância para seus fiéis e por isso todo aluno deve conhecer a religião do outro como também ter mais clareza da sua para ter mais segurança na religião que resolveu seguir e que se um dia desejar mudar assim poderá fazer sem receio.

É um caminho para minimizar o preconceito. Esse mal que prejudica a sociedade. Nesta visão sabemos de muitos líderes que começaram suas lutas com pequenos gestos, através de posicionamentos éticos, em pequenas manifestações de solidariedade, de respeito ao próximo, senso de justiça e principalmente da conversa com o outro, amando-o, aceitando como ele é.

A experiência do professor do ER é sempre instigante, encontramos pessoas que sofrem terrivelmente com palavras descomprometidas com a verdade, com injúrias. O descaso com alunos que assumem suas crenças religiosas de matrizes africanas como Candomblé e Umbanda é grande. Quando exploradas em sala de aula sempre ouvimos termos pejorativos, desrespeitosos. Trabalhar a cultura africana não é fácil e em termos religiosos essa dificuldade aumenta. O meio em que o aluno vive reflete em sala de aula com o desrespeito entre eles mesmos. Daí entra a mística do Ensino Religioso.

Olenik e Daldegan afirmam sobre a forma de como motivar os discentes em sala de aula quando se vai abordar sobre a existência das outras tradições religiosas: (2004, p. 14).

Despertar, em suas aulas, o encantamento do educando pela sua própria tradição religiosa e, ainda, possibilitar que perceba e conheça a existência de outras tradições, diferentes da sua, reconhecendo que cada povo com sua cultura, têm sua própria história na busca da verdade divina, do encontro com o transcendente.

Buscamos resgatar a aquisição de valores tão esquecidos em nosso meio, principalmente a tolerância, pois a realidade dos nossos alunos é cruel, desumana que muitas vezes os fazem perderem o respeito por eles mesmos, a fé, a esperança. São jovens morrendo muito cedo e o Ensino Religioso é um trabalho de conquista que não acontece de um dia para o outro, num passe de mágica, se dá lentamente. Tenho uma breve impressão que ainda vivemos no tempo do tribalismo como disse uma vez Padre Fábio de Melo: “vejo pessoas empunhando seus livros santos, capazes de atitudes desumanas, justamente porque querem defender seus interesses em nome de Deus”. (In Cartas Entre Amigos, 2009, p. 106)

Essas pessoas não sabem conviver com as diferenças, e no tribalismo elas não conseguiam enxergar os outros porque só enxergavam o território onde se abrigavam, é um espírito naturalmente guerreiro, pois evoca a luta por territórios. Nós não precisamos demarcar nossos territórios, nós precisamos acabar com a falta de humanidade na medida em que nos dermos as mãos e formos capazes de elogiar o outro pelas suas escolhas, principalmente no que se refere a sua crença religiosa.

A intolerância cega, desumaniza, gera guerras, sacrifica, mata. Ainda sobre o desrespeito para com o outro em termos de religião, Fábio de melo diz

Tenho visto e sentido na pele o poder destruidor de uma religião mal aplicada. Igrejas que se levantam entre si, desejosos de prevalecer como verdade absoluta, caminho único para a conquista de um céu futuro. A verdade dogmática

instrumentalizada como escudo, interpretada utilizada como arma para destruir os que não a reconhecem. (In, Cartas Entre Amigos, 2009, p. 105).

Na realidade, as pessoas estão se deixando levar pelo ódio, pela ignorância, fazendo da religião um instrumento de culpa, acusação, vigilância e punição, em vez de instrumento que ensina o caminho do arrependimento, da misericórdia, da tolerância e da liberdade.

A perseguição religiosa caracterizada como intolerância, não aceitação as diferenças ou crenças religiosas de terceiros só causa danos ao ser humano, pois é confinado a tortura, execução, negação de seus direitos e principalmente a incitação da fúria. Kung (2004, p. 30) dá destaque a esse contexto quando afirma:

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver se não houver um etos global, uma ética para o mundo inteiro.

Não podemos deixar que a intolerância ocupe espaço nas vidas das pessoas quando diferem religiões dos negros das religiões ditas dos brancos. A religião não tem cor, a religião busca a unidade entre as pessoas independente de credos, cor, raça, etnia. Dentro dessa visão o Ensino Religioso, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso (PCNER, 2009b, p.47), objetiva:

Proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõe o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando; subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informada; analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais; de facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas; refletir o sentido da atitude moral como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano; possibilitar esclarecimentos sobre o direito a diferença na construção de estruturas religiosas que tem na liberdade o seu valor inalienável.

Considerações Finais

Estamos mesmo no século XXI? Difícil pergunta para respondermos quando estamos diante de uma sociedade onde o ser perde seu valor com tanta facilidade. Não podemos negar a evolução da Ciência, da Tecnologia, da Medicina, porém não podemos dizer o mesmo em relação a humanidade que insiste em caminhar por caminhos obscuros, pequenos, desumanos quando o homem procura destruir seu semelhante usando a religião para satisfazer suas vontades.

A intolerância religiosa ainda é muito grande em nossa sociedade e por todo o mundo. Assim como a cor, a religião ou qualquer produto cultural negro passa por preconceito. A perseguição das religiões de matriz africana é uma forma de anular a importância deste grupo étnico-racial na sociedade brasileira e global. O preconceito em relação a essas religiões é também uma negação aos costumes, tradições, culinárias, língua e história de um povo.

Pregar uma religião como única e verdadeira é sem dúvida um proselitismo que gera egoísmo, desumanidade, crueldade e falta de senso crítico.

Somos um povo, somos todos passíveis de compreender a variedade religiosa de cada um. O que é necessário é que estejamos abertos ao outro. Como educadores mediadores do conhecimento é necessário que no contexto escolar levemos ao conhecimento do aluno que há garantia constitucional e prerrogativas de liberdade de crença, de culto, assim como que existem leis que asseguram o direito de igualdade independente da etnia. Devemos ainda ressaltar aos nossos alunos que tanto a prática de preconceito racial quanto a discriminação religiosa são crimes na sociedade brasileira, passíveis de prisão e que infelizmente as religiões afro-brasileiras continuam a sofrer agressões por determinados grupos religiosos que se consideram dominantes.

Temos que ter consciência que a vida é uma oportunidade para crescermos, para aceitarmos nossas diferenças amadurecendo espiritualmente, pois o mais importante é estarmos em harmonia com nossos semelhantes. Faz-se necessário uma remoção de tudo que nos degrada para despertarmos para algo que nos consagra como gente.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação.** – Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa.** São Paulo, Edições Paulinas, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17 Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FONAPER. **Diversidade religiosa no Brasil: memórias, propostas e desafios-**Obra comemorativa aos 15 anos do FONAPER/ [Organizado por] Adecir Pozzer et al. – São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais do ensino religioso.** São Paulo: Ave Maria, 2009
- KUNG, Hans. **Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns.** Campinas: Verus, 2004.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação.** SP: Cortez, 1994, p.30-31.
- MELO, Fábio de. **Cartas Entre Amigos/Fábio de Melo e Gabriel Chalita.** São Paulo: Ediouro, 2009.
- MOSES, Jeffrey. **Unidade: os princípios comuns a todas as religiões.** Sextante. 2009.
- OLENIK, M. L. R.; DALDEGAN, V. M. **Encantar: Uma prática pedagógica no ensino religioso.** Petrópolis: Vozes 2 Ed. 2004.